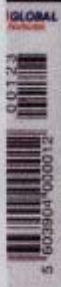


ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS EM PARÍ

EMPRE  
DE UM CAMINHO  
DIFERENTE  
00  
NOS

# M VOLTA AO MUNDO

BOTSWANA  
DELTA DO OKAVANGO  
NA PAZ DE ÁFRICA



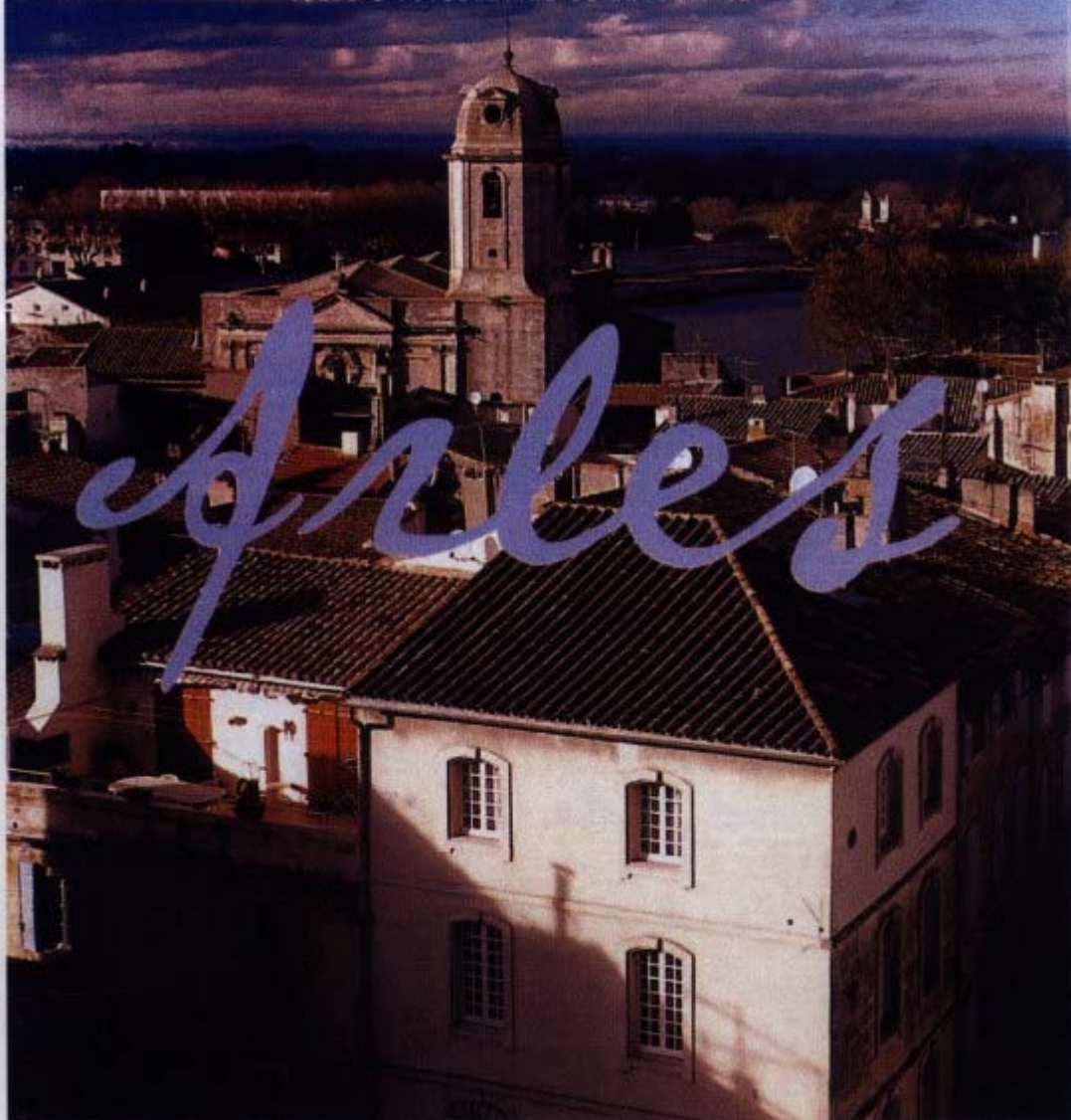
+SALVADOR DA BAHIA  
+ALPES AUSTRIACOS

17 DESTINOS DE NEVE + PELAS ESTRADAS DA PROVENÇA

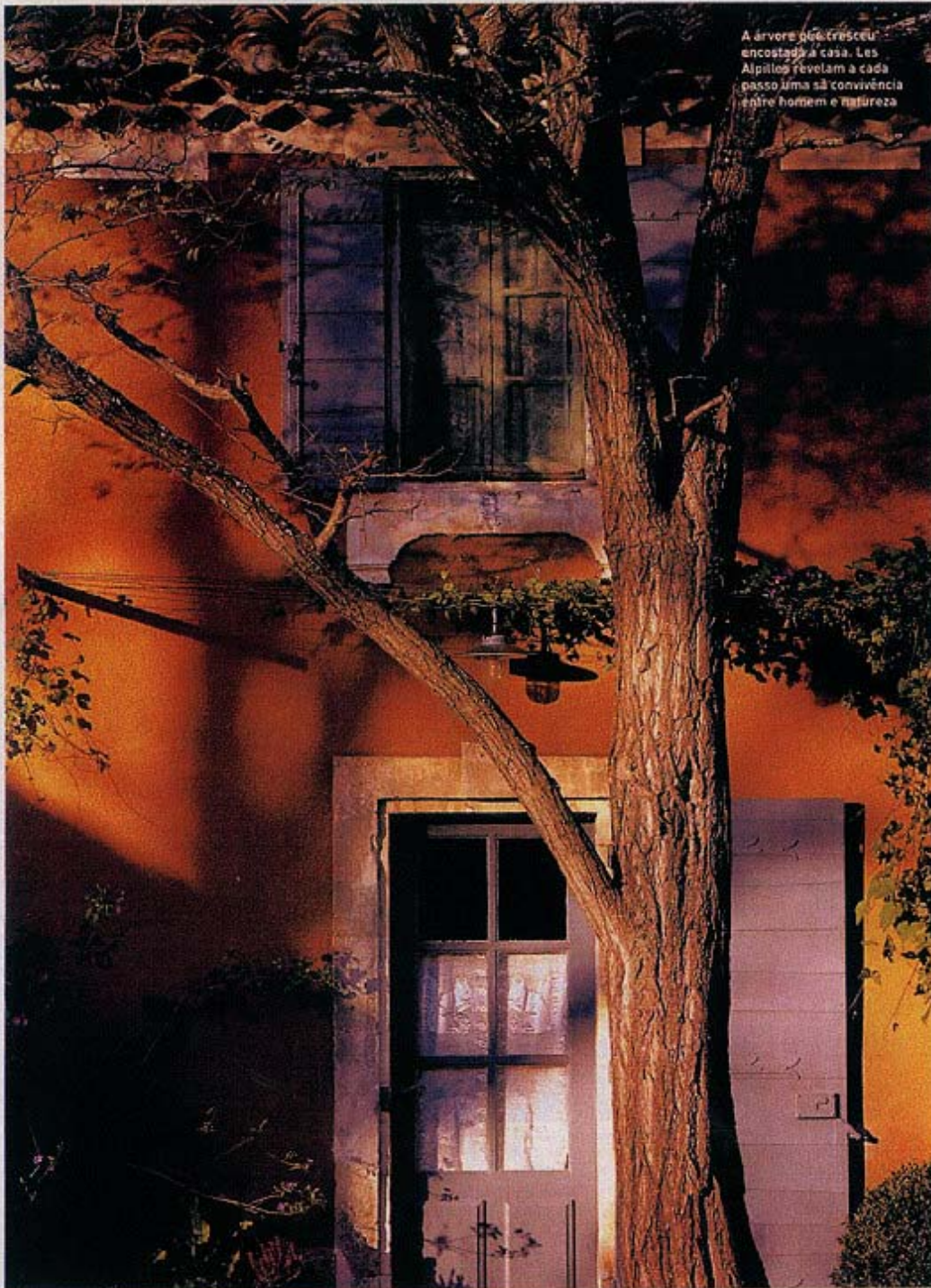
# A DOCE LUZ DO INVERNO

ANIMADA POR UMA INTENSA OFERTA CULTURAL E PELO CLIMA GENEROSO DO MEDITERRÂNEO, A CIDADE FRANCESA DE ARLES, QUE APAIXONOU VAN GOGH E TAMBÉM ATRAIU GAUGUIN E PICASSO, ILUMINA-SE POR DENTRO E DEIXA-SE ILUMINAR POR FORA. NEM O INVERNO CONTRARIA ESTA REALIDADE.

TEXTO E FOTOGRAFIAS DE ANTONIO SA



*Arles*



A árvore que cresceu  
encostada à casa. Les  
Alpilles revelam a cada  
passo uma tão convivência  
entre homem e natureza

## ■ VOLTA | DE CARRO

Para passar a noite, o conforto pode dividir-se em dois tipos: cosmopolita, como em St.-Rémy, ou bucólico, como num mas



### KM 48

#### LES ALPILLES

Encontramo-nos numa das zonas mais agrestes de todo o percurso. De um e de outro lado da estrada erguem-se as bonitas montanhas de Les Alpilles, que têm também aqui o seu ponto mais alto: apenas 493 metros.



cheiro a pão. *Boulangerie*, creperie, *caiffeur*, *mairie*... no espaço exiguo das ruas principais está lá tudo como nas cidades lego. Um mimo.

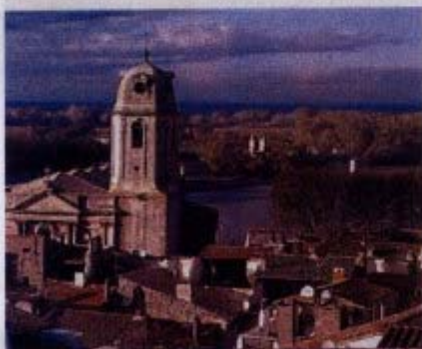
Aureille é a localidade que se segue, a que acede pela D24 e D24A, sempre entre campos de oliveiras e com os cumes claros de Les Alpilles como pano de fundo. Um pouco por todo lado há pessoas na apanha da azeitona; algumas, como Martin Henry, de setenta e muitos anos, fazem-no fruto a fruto, de forma absolutamente manual, como se acariciassem a árvore em recompensa pela colheita. Henry falou-me entusiasticamente das variedades de azeitonas e de como se produz o melhor azeite misturando-as em doses sabiamente testadas, mas os pormenores perderam-se para sempre no sotaque carrado e naquela cigarrilha ao canto da boca. Quanto à aldeiazita, faz lembrar uma mini-estância de férias em hibernação, agora que a época vai baixa. É do monte sobranceiro aos telhados que se tem a melhor vista do aglomerado e onde também se pode sentir a força do mistral, esse vento cortante que deixa a atmosfera límpida como cristal, as arestas da rocha mais vivas do que nunca e os re-

bentos de azinheiras perfeitamente recortados contra o solo agreste.

Percorridos 46 km, siga agora para norte por um dos troços mais silvestres de toda a região. O ponto mais alto desta bonita cadeia montanhosa fica logo ali, emoldurada pela janela direita do automóvel, uns «espantosos» 493 m de altitude. Ainda assim, a paisagem faz-nos sentir uns mil metros mais acima, seguramente devido à limpidez do ar, ao relevo acidentado e à vegetação arbustiva. Ao km 50, quando a estrada entronca com a D25, surge-nos pela frente um daqueles subtilezas da sinalética rodoviária: Eyguières para a esquerda, Eyguières para a direita as placas são praticamente «iguais», até no tamanho mas é para a esquerda que devemos seguir. Repito: esquerda.

Eyguières, a par com Li Baux, é uma das localidades mais bonitas de todo este percurso. Embora substancialmente mais baixa, também é formada por um aglomerado e onde também se pode sentir a força do mistral, esse vento cortante que deixa a atmosfera límpida como cristal, as arestas da rocha mais vivas do que nunca e os re-

Arles



**S**eguindo o cais de La Roquette, depois o cais Mars Doërnoy e, adiante, a Rue Marius Jouveau, não fazemos mais do que percorrer toda a frente fluvial da velha Arles, uma pequena cidade que nasceu e cresceu encostada ao Ródano como quem escolhe um ombro confidente, uma testemunha fiel para o resto da vida.

Apesar do frio que nesta manhã límpida de Inverno assola as margens do rio, é para lá que se encaminham os seus habitantes assim que têm um bocadinho livre.

Com quase dois mil anos de idade, o anfiteatro romano erguido para albergar 20 mil espectadores parece, no entanto querer disputar com o rio as atenções dos transeuntes, sejam locais ou forasteiros. De alguma forma, apesar da limitação vigente ao tráfego automóvel, o monumento acaba por funcionar como uma enorme rotunda, onde chegam e de onde partem todas as pequenas artérias que compõem o intrincado sistema circulatório do centro. Por isso mesmo, é quase certo que ao fundo da rua veremos os grandes arcos que defendem a arena num qualquer percurso que escolhamos fazer nesta zona — é o grande coração de Arles, por assim dizer. Ródano e romano; alma e coração. Numa perspectiva simplista, mas perfeitamente actual, esta seria assim apresentada a cidade.



**Acontece que as ruas são estreitas** labirínticas — já se disse —, escondendo uma infinidade de detalhes que só cedem a olhos persistentes ou a mentes conhecedoras. A relevância de um exíguo quadradão do céu aberto como a praça do Fórum, por exemplo, facilmente passará despercebida às vistas habitualmente desoladas de um parisiense ou, quase certo, a qualquer turista do Novo Mundo. Pouco depois de Júlio César ter ordenado a fundação de Arelate, em 46 a.C., era aqui que se erguia o edifício mais importante da colónia romana, concentrando o poder administrativo, económico e religioso. Durante a Idade Média, este local foi palco de execuções públicas e, séculos depois, passou a servir como «Praça de Homens», onde se reuniam e eram contratados ao dia os trabalhadores agrícolas. Hoje, daquilo que era o fórum apenas subsistem a superfície as colunas de um templo entretanto adoptadas pela fachada do Grand Hotel Nord-Pyrus, um quarte



De cima para baixo, igreja de St. Julien, passeio de telhados no centro histórico de Arles e chalariz na Praça da República

Podem ser uma simples pausa para o café ou apenas uns minutos antes de começar a jornada de trabalho; uma cigarrilha que se acende fitando as águas, ou o partilhar de uma conversa entre velhos amigos, agora reformados; levar o cão a passear também é um óptimo argumento, tal como o é um beijo e uns metros de passeio com a namorada. Qualquer coisa serve para justificar uma ida à beira-rio, porque estes arlesianos não foram feitos para ficar dentro de portas.

## KM 70

### GLANUM

Uma visita à antiga cidade romana à entrada (ou saída) de St.-Rémy-de-Provence é absolutamente obrigatória. O estado relativamente conservado de edifícios que contavam cerca de dois milénios de existência são-nos uma visão mediata daquilo que foi o Império romano.



sua vocação agrícola. É uma experiência a não perder, subir ao promontório onde está a velha torre e si ficar no silêncio da manhã enquanto a luz delicada vai tecendo uma efêmera filigrana nos ciprestes, nas hortas, nos recortes miúdos das montanhas, lá ao fundo. A derradeira etapa é curta e quase toda percorrida entre plátanos centenários. Sigo para St.-Rémy-de-Provence pela D99, que me parece muito movimentada após uma rota quase exclusivamente rural; no entanto, conserva a virude de ser acompanhada pelo tal raço verde a que os mapas recorrem para indicar aos condutores a beleza paisagística.

O núcleo antigo da cidade, outrora cercado por muralhas, é hoje delimitado por uma rua circular que acolhe grande parte dos hotéis, restaurantes e galerias de arte que fazem de St.-Rémy uma das localidades mais apetecíveis da Provença. É uma terra cosmopolita que parece ter sabido colher e apurar os frutos mais saborosos da região – da cultura à gastronomia – onde apetece ficar-las a fio, nem que seja para isperar o mercado que todas as

Pão, azeitonas e os mais elementares produtos da terra assumem merecido protagonismo no restaurante Sette e Mezzo



semanas lhe anima as ruas. Aqui nasceu Nostradamus, aqui pintou Van Gogh, aqui se instalaram os romanos na antiga Glanum que, com o seu milenar arco do triunfo, serve ainda de porta à actual cidade. Uma simples volta a pé pelo centro revela portadas tradicionais abertas a pequenas praças, fachadas de lojas pintadas em cores garridas e o inevitável bistrof para uma pausa – um café, enquanto se aprecia o pacote quoti-

diano desfilar lá fora. É o km 70, o último de uma volta curta mas inesquecível. A quem me seguir os passos, digo, os rodados, prevejo um desfilar de emoções que vão ocupar permanentemente os cinco sentidos; seja qual for a estação do ano, encontramos aqui o melhor que sempre ouvimos da Provença mais o que ela reserva apenas para os que cá vêm. E não é preciso ser nenhum Nostradamus para o garantir. ■

### • TOME NOTA

Le Prince Noir (chambres d'hôtes)  
Cité Haute, Rue de L'Orme  
13520 Les Baux-de-Provence  
Tel.: +33 490 543 957  
Fax: +33 490 543 957  
E-mail: contact-nous@leprince noir.com  
www.leprince noir.com

Hôtel Restaurant La Ribote de Taven  
RD27, Val d'Enfer  
13520 Les Baux-de-Provence  
Tel.: +33 490 543 423  
Fax: +33 490 543 888  
E-mail: contact@riboto-de-taven.fr  
www.riboto-de-taven.fr

Hôtel Gounod  
Ville Verte, 18, Place de la République  
13210 St-Rémy-de-Provence  
Tel.: +33 490 920 614  
Fax: +33 490 925 654  
E-mail: contact@hotel-gounod.com  
www.hotel-gounod.com

Restaurante Sette e Mezzo  
34, Boulevard Mirabeau  
13210 St-Rémy-de-Provence  
Tel.: +33 490 925 927

Restaurante Le Bistrot des Alpilles  
15, Boulevard Mirabeau  
13210 St-Rémy-de-Provence  
Tel.: +33 490 920 917  
Fax: +33 490 923 815  
www.bistrot-desalpilles.com  
9h00 às 14h00



A Volta ao Mundo agrícola à Maison de la France em Lisboa ([www.francaglob.com](http://www.francaglob.com), tel.: 21 239 2021) e ao Comité Departamental à Touraine des Saules de la Rhône. La Provence ([www.rhizogueron.com](http://www.rhizogueron.com)), a ajuda prestada na realização da reportagem. A Partilha via eletrónica para Marselha a partir de Lisboa e do Porto, vãos desde 425€, sem taxas ([www.flygga.pt](http://www.flygga.pt)), contacto para reservas: 703 989 090



Sala do restaurante  
Le Cilauro,  
sala de leitura  
no Hotel L'Amphithéâtre  
e pormenor do lobby  
do Hotel Le Calendal



ilustrados de pinturas impressionistas - um recheio alexandrino de títulos sobre Provença - da gastronomia à agricultura da perfumaria às artes plásticas.

Inevitavelmente, para onde quer que a nossa curiosidade nos leve, tropeçamos uma e outra vez na história. Em plena Praça da República, um grupo de estudantes senta-se no fontanário para um almoço de baguetes recheadas. Não sei se desconhecem por completo ou, pelo contrário, estão fartos de saber, mas aquele obelisco que se ergue bem acima das suas cabeças foi esculpido em granito provençal da Turquia e decorava o muro central do velho circo romano, cujos vestígios podem ainda ser vistos junto ao Museu de Arles Antiga. Nesta mesma praça vê-se também o edifício clássico que alberga a câmara municipal, inspirado na arquitectura de Versalhes, e ainda a igreja românica de Saint Trophime, construída no século XII com um pórtico tão rebucado que mesmo hoje intimidam os carreiros equipados das melhores ferramentas. As suas paredes e o recatado claustro que se abre ao céu no interior viram a reser uma comunidade monástica e passar milhares de peregrinos em demanda de Santiago de Compostela pela via Tolosana. Três monumentos, três épocas distintas, três classificações como Património Mundial: eis como um pequeno espaço urbano nos permite fazer uma viagem inesperada.

Com tantas influências externas, fruto do seu posicionamento geográfico, não é de estranhar que Arles tenha adquirido uma personalidade festiva que a coloca certamente, no pólo das localidades mais animadas de França. Dos combates de gladiadores, que tinham lugar no anfiteatro, até aos eventos da actualidade como é o caso dos reputados Encontro Internacionais de Fotografia, a cada



Nas ruas pedonais do centro histórico, bem perto da praça onde começou toda esta dissertação, encontra-se o epicentro comercial, revelado por montras cuidadosas capazes de tomar quaisquer cem metros numa estrada de duas horas. As pastelarias refulgem de doces e bombons alinhados num rigor joalheiro atrás de vidros imaculadamente transparentes; bolbos em caixinhas de madeira exibem-se numa delicadeza nipónica frente às portas de floristas e, mesmo ao lado, o traço criativo de design traduz-se num arco-íris de objectos que reinterpretam o nosso quotidiano: facas, espremedores, cadeiras, candeeiros. À hora do almoço esta zona fervilha de gente numa tentativa de fazer conspícuos de última hora ou conseguir a melhor mesa no bairro do costume. Numa versão menos sofisticada, é também por aqui que abrem portas alguns antiquários, com o seu universo de objectos e memórias para descobrir ao longo de tardes inteiras, e livrarias, com postais